



## LINGUAGEM E CULTURA VISUAL NA CONTEMPORANEIDADE

Marília Flores Seixas de Oliveira<sup>1</sup>

Orlando J. R. de Oliveira<sup>2</sup>

Joaquim F. Seixas de Oliveira<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

Na vida contemporânea, há um predomínio da linguagem visual, ocasionando mudanças nos modos de apreensão do mundo, na constituição da subjetividade e na produção do conhecimento. A mediação da imagem técnica e da imagem artística alcança os mais diversos âmbitos da vida cotidiana, abrangendo novas dimensões simbólicas, representativas, identitárias, mnemônicas e educacionais. A produção de imagens é crescente, tanto em termos de quantidade e de modalidade quanto no que se refere às novas possibilidades de intercâmbio e de disponibilidade de acervos imagéticos. No contexto de uma “civilização da imagem”, este trabalho volta-se para o estudo das categorias linguagem, imagens técnicas e comunicação, ampliando a possibilidade de compreensão e de reflexão crítica das diversas dimensões da “cultura das imagens”, considerando aspectos culturais, antropológicos, sociológicos, econômicos, políticos, educacionais e filosóficos. Com o objetivo de analisar as relações entre linguagem, imagem técnica e comunicação, este trabalho analisa os conceitos formulados na produção filosófica de Vilém Flusser (2007, 2008, 2011), e de outros autores de referência na discussão sobre a sociedade da civilização da imagem (Benjamin, Barthes, Debord, Debray, Dubois, Sontag). Ressalta-se que o filósofo Vilém Flusser tem sido relativamente pouco estudado no ambiente acadêmico, a despeito de sua grande contribuição teórico-conceitual ao âmbito dos estudos relacionados à comunicação e ao período cultural em que vivemos, em seu esboço de uma filosofia sobre a vida humana na contemporaneidade.

1 Doutora em Desenvolvimento Sustentável/Gestão Ambiental pela Universidade de Brasília (CDS/UnB). É professora titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: marília.flores.seixas@gmail.com

2 Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor de Antropologia e Cultura Brasileira da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: ojro.furioso@gmail.com

3 Arquiteto e Urbanista (FAU-UFBA), fotógrafo, ilustrador, designer gráfico e pesquisador da área da Linguagem Visual do Grupo de Pesquisa CASLIDS. Endereço eletrônico: jucadeoliveira@gmail.com



## **METODOLOGIA**

Este trabalho ancorou-se numa pesquisa bibliográfica, de carácter qualitativo, a partir de levantamento, leitura, discussão e análise de materiais já elaborados sobre a temática indicada - linguagem, comunicação, imagem -, notadamente aqueles relacionados às concepções e formulações de Flusser. Assim, os procedimentos metodológicos utilizados percorreram as etapas de leitura e discussão dos textos de referência, com sistematização dos principais conceitos, visando a um aprofundamento analítico da temática.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para a análise aqui proposta, busca-se compreender a dimensão ontológica da cultura (GEERZ, 1989) e da técnica (ORTEGA Y GASSET, 1963) como âmbitos fundamentais aos seres humanos. A técnica, percebida como um traço fundamental de humanidade, está indissociável à própria espécie humana, que produz bens culturais e tecnológicos orientados para a satisfação de suas necessidades, que, para Ortega y Gasset (1963, p.13), incluem tanto o básico quanto o supérfluo, uma vez que “o homem não tem empenho algum por estar no mundo. No que tem empenho é em estar bem”.

Buscando compreender a obra de Vilém Flusser (2007, 2008, 2011) e os conceitos de linguagem, imagens técnicas e comunicação a partir de sua produção, tomamos como referencial o estudo das “imagens técnicas”. Para ele, as imagens técnicas são aquelas produzidas pelo homem com o auxílio de aparelhos, ressaltando-se o fato de que estas imagens devem ser pensadas não como algo objetivo vinculado diretamente ao mundo representado por elas, mas sim como visões de mundo produzidas intencionalmente por alguém, por meio de aparelhos técnicos operados pelos homens a serviço de sua predisposição em representar o mundo e de sua tentativa de armazenar informação.

Para Flusser (2007, 2008, 2011), linguagem (verbal) e imagem (técnica) podem ser consideradas como dois códigos profundamente interligados, sendo também duas dimensões da realidade que possuem a mesma função (o armazenamento de informação), isto é, ambas produzem meios de constituição de uma memória que tem como objetivo um



processo organizatório para contrapor a tendência à diluição e à perda de memória, que rege o mundo. Assim, no armazenamento de informações, há uma associação constante entre as imagens técnicas e textos verbais, narrativas e discursos, o que funciona como um processo fundamentalmente organizador de memórias, de informações, de história. E esta dupla articulação é estudada por Flusser, filósofo que é tomado como referência básica para este projeto de pesquisa.

Quando são analisadas as associações entre memória, narrativas verbais e imagem, percebe-se haver uma estreita relação entre estas categorias, seja do ponto de vista individual, seja do ponto de vista coletivo, social. No plano do indivíduo, muitas das memórias que cada pessoa aciona sobre si mesmo (seu passado, sua infância, sua trajetória, os acontecimentos mais marcantes de sua vida e de sua identidade) tornam-se, com o tempo, focadas a partir de cristalizações mnemônicas originárias de duas fontes básicas: (1) narrativas intersubjetivas divididas com as pessoas que compartilharam as experiências ou narrativas de re-ordenamento de acontecimentos (afinal, as memórias também modificam os fatos passados); (2) por meio de imagens, fotografias, filmes, registros imagéticos que, ao congelarem determinados momentos da vida, os deslocam para serem re-acionados no futuro, servindo de parâmetro para a seleção do que vale a pena ser lembrado, do que fará parte do acervo de lembranças. Desta maneira, percebe-se que é pela associação entre língua verbal e imagem que se constroem a maior parte das memórias, no sentido do registro pessoal, fundador de identidade.

No plano da produção da imagem técnica, há uma inserção do fotógrafo no ato de fotografar, o que se reflete na imagem resultante, transformando-o em produtor que, no ato da própria produção, estando indissociável de suas circunstâncias, adapta o meio a si mesmo, através do que Ortega y Gasset (1963, p.17) chama de ato técnico: “A técnica é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, posto que é a adaptação do meio ao sujeito”.

Esta diluição da vida em profusão de imagens técnicas estabelecem, eventualmente, o equívoco de percebê-las como representações objetivas do mundo. Para Flusser (2011, p.11), há uma impressão automática do significado dessas imagens técnicas sobre suas superfícies, o que impede uma leitura mais aprofundada da substância delas: a pretensa objetividade com que são percebidas gera a ilusão de serem janelas (e não imagens técnicas) que se abrem à percepção da realidade, levando à crença equivocada de que “imagem e mundo se encontram no mesmo nível do real” (FLUSSER, 2011, p.30). O entendimento de seus significados depende, portanto, de processos de decifração.

Para Flusser (2011), as imagens operam com um elemento adicional, que ultrapassa o código: o seu teor de magia e de acionamento da imaginação, o que foi, entretanto,



sendo modificado com o tempo. Para ele, cada época apresenta formas comunicativas preponderantes, que, à medida em que se intensificam, vão deixando de ser percebidas em seus aspectos simbólicos e passam a ser vistas como uma cópia da realidade, sem que se consiga mais perceber a dimensão conceitual da forma simbólica em questão. Na medida em que isto vai acontecendo, novas formas comunicacionais vão surgindo, para destacar a dimensão representativa da forma simbólica em questão. Flusser estabelece, assim, a ideia de consciência imaginística, expressão que designa uma espécie de faculdade da imaginação, responsável pela codificação e decodificação das imagens.

O autor destaca três principais linguagens que surgiram: a imagem pictórica, a escrita e a imagem técnica (correspondentes a três etapas: a pré-história; a história e a pós-história. Na pré-história, a imagem pictórica caracterizava a linguagem simbólica na sociedade, estabelecendo uma etapa em que se realizavam as imagens diretamente por um ser humano, sem intermediação de aparelhos técnicos, com o auxílio de tintas ou outros instrumentos que permitam o desenho ou o preenchimento da imagem. Estas imagens possuem apenas duas dimensões, são planas e resultam do/no esforço de abstração acionada pela imaginação. Na fase da História, a partir da invenção da escrita, uma nova relação se constituiu entre linguagem e imagem: o texto passou a explicar a imagem, ordenando os símbolos da imagem e colocando-os em séries de enumeração (há sempre algo a se dizer/escrever sobre a imagem que se vê). Verifica-se, então, uma contraposição entre texto e imagem, que corresponde a um “ser-no-mundo” diferente do anterior, fruto de uma nova sociedade, a moderna, que vive em contexto de processos diversificados e que insere as pessoas num universo letrado. A invenção da imprensa e da escola obrigatória são um grande marco, a partir do qual grande parte da sociedade passa a ter acesso à leitura. As imagens passaram a pertencer a espaços mais específicos, dissociando-se de textos, a partir de divisões na cultura. Já na fase da pós-história, houve o surgimento de um novo predomínio de linguagem: as imagens técnicas (pós-alfabéticas), que surgem como respostas à necessidade de estimular a imaginação da sociedade, são produzidas por aparelhos e são produtos da escrita (produtos indiretos dos textos e da sociedade letrada/ científica/ tecnológica). Para Flusser, a função destas imagens técnicas seria a de emancipar a sociedade da necessidade de pensar conceitualmente. Não são meras reproduções e sim projetos a serem executadas, são simbólicas, tendo o texto como finalidade. Apresentam, contudo, um problema, relacionado ao fato de que, quando se olha para uma imagem técnica, tende-se a achar que se enxerga a realidade e não a imagem.



## CONCLUSÕES

Partindo de um entendimento conceitual que toma como referência a obra de Vilém Flusser (2007, 2008, 2011) e os conceitos por ele formulados em sua produção filosófica (sobretudo aqueles relacionados à análise da imagem e da linguagem), buscou-se aprofundar o estudo sobre linguagem, imagem técnica e comunicação. Considerou-se, como conclusão, que se torna imperativo analisar a relação destas categorias com a vida contemporânea, compreendendo que, no âmbito dos estudos da linguagem, a análise da sociedade contemporânea precisa ser pensada a partir da influência crucial que as imagens técnicas e os meios de comunicação exercem sobre a sociabilidade, a cultura e a política, abrangendo a vida humana em todas as esferas, sejam de ordem social, artística, cultural ou política.

**Palavras-chave:** Imagens técnicas. Cultura visual. Civilização da imagem.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1980.

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade Técnica. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Sociologia da Arte, IV**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

\_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: Uma história do olhar no Ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUBOIS, Pierre. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, S.P.: Papyrus, 1994 (Coleção ofício de arte e forma).



FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: Ensaio para uma filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_. **O universo das imagens técnicas**: Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GURAN, Milton. A “fotografia eficiente” e as Ciências Sociais. In: ARCHUTTI, L.E.R. **Ensaio sobre o fotográfico**. Porto Alegre: Unidade, 1998.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica**: Vicissitudes das ciências, Cacofonia na física. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1963.

PLAZA, Júlio. **A tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981